

## REFLEXÃO BIOÉTICA SOBRE O “SER-PARA-A-MORTE” EM TEMPOS DE COVID-19

### BIOETHICAL REFLECTION ON “BEING-FOR-DEATH” IN COVID-19 TIMES

*Marcelo Miotto de Souza<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Este artigo se desenvolve a partir da definição heideggeriana de ser humano como um “ser-para-a-morte”. Essa compreensão de finitude serve como marco de referência para refletir sobre a autenticidade ou inautenticidade das ações exercidas em sociedade. É, pois, a partir da finitude humana que se pode esboçar a legitimidade bioética do cuidado com os pacientes em fim de vida, especificamente em tempos de Covid-19, onde houve períodos de mortandade em massa. Conclui-se que a definição de ser humano como um “ser-para-a-morte” oferece uma sólida base conceitual para fundamentar os cuidados de fim de vida. Uma honesta reflexão sobre a morte revela o nível de solidariedade ou de omissão existente na sociedade humana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bioética. Filosofia. Morte.

**ABSTRACT:** This article develops itself starting from the Heideggerian definition of the human being as a “being-towards-death”. Such understanding of finitude serves as the frame of reference to reflect on the authenticity or inauthenticity of actions carried out in society. It is, therefore, based on the human finitude that the bioethical legitimacy of caring for end-of-life patients can be outlined, specifically in times of Covid-19, when there were periods of mass mortality. It is concluded that the definition of the human being as “being-towards-death” offers a solid conceptual basis for thinking about the bioethical legitimacy of end-of-life care. An honest reflection on death reveals the level of solidarity or omission that exists in human society.

**KEYWORDS:** Bioethics. Philosophy. Death.

### INTRODUÇÃO

O filósofo Heidegger<sup>2</sup> (2013, p. 185) entente o fenômeno da morte como um marco de referência para a identificação de uma vida ética e não ética. Ele diz que o principal objetivo da filosofia consiste em compreender o sentido do ser. Esse era o esforço dos filósofos pré-socráticos que buscavam a causa primeira de tudo que existe. Mas com o tempo, a pergunta sobre o sentido do Ser ficou esquecida nos debates e nos textos filosóficos (HEIDEGGER, 2013, p. 37-40).

1 Bacharel em Teologia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino de Belo Horizonte MG. Mestrando em Bioética pela PUCPR. Atua como professor na Faculdade São Basílio Magno em Curitiba PR.

2 Martin Heidegger foi um filósofo alemão que nasceu em 1889 e morreu em 1976. Foi aluno de Edmund Husserl, o criador do método fenomenológico. A principal obra de Heidegger é o *Ser e o Tempo*, publicada em 1927. Nesse livro, o pensador apresenta reflexões éticas determinantes para a era tecnológica (REALE; ANTISERI, 1991, p. 581-592).

Essa constatação faz Heidegger repropor o tema do sentido do ser a partir da existência finita do ser humano e com isso reconstruir uma nova perspectiva ética (HEIDEGGER, 2013, p. 42-43). Essa nova perspectiva pode ser nomeada como ética da autenticidade que apenas se justifica pela própria existência. Trata-se de um modo consciente e responsável de estar no mundo e de conviver com as outras pessoas tendo em mente a consciência da própria finitude (REALE; ANTISERI, 1991, p. 585).

Dentro de uma compreensão humana, entende-se que a morte é a impossibilidade de poder escolher ou de agir no mundo. O ser humano como único ser vivo capaz de pensar sobre o sentido da sua existência encontra dentre tantos fenômenos da sua condição finita a realidade da morte como algo certo e inegável, possível de acontecer a qualquer momento (HEIDEGGER, 2013, p. 306).

A certeza da morte desperta uma genuína reflexão sobre o sentido da existência particular, isto é, o modo como cada um se apresenta no mundo e constata estar vivendo bem ou mal. Dentro dessa perspectiva, Heidegger (2013, p. 307) define o ser humano como um “ser-para-a-morte”, ou mais especificamente, um ser dotado de consciência sobre a finitude da sua existência. A finitude, a morte propriamente dita, é entendida pelo filósofo como um marco de referência ético que quando posto em evidência revela a dignidade ou a indignidade das ações realizadas em sociedade. Esse fundamento da finitude serve como base de reflexão para a legitimidade bioética do cuidado com os pacientes em fim de vida.

Torna-se relevante aproximar a ética de Heidegger à intenção dos cuidados de fim de vida. Com efeito, as premissas filosóficas que procedem da finitude humana podem ser melhor compreendidas na medida em que se aprofundam alguns outros conceitos-chaves como o “estar-no-mundo”, “ser-com” e, finalmente, mais detalhadamente a concepção de “morte” e de “ser-para-a-morte”. A partir deste estudo filosófico da finitude, interpretada como referencial de ética transcendental, também serão esboçados alguns dos principais temas de bioética referentes ao fim de vida em hospitais, como o tão difundido problema da distanásia que prolonga a vida biológica, apesar dos sofrimentos infligidos aos pacientes (PESSINI, 2016).

Nos últimos anos, a literatura científica da área da saúde apresenta a falta de conceitos sólidos para a definição de morte humanizada e poucos estudos sobre as metodologias de cuidado de fim de vida. Observa-se uma falta de clareza conceitual sobre o que é a morte, eutanásia, distanásia, ortotanásia e os cuidados paliativos (FLORIANI, 2021). A falta de clareza conceitual e a falta de formação acadêmica se agravam na medida em que se entende o processo de morte de modo subjetivo, às vezes como uma derrota, em outras, como um processo natural do qual não se pode abreviar ou prorrogar para sempre (CANO et al., 2020), eis os temas da bioética médica que podem ser melhor refletidos à luz da filosofia de Heidegger e de outros pensadores como Lévinas<sup>3</sup> e Han<sup>4</sup> que assumem a finitude da vida como referencial para tratar os problemas éticos, porém, na perspectiva do que realmente é bom para o Outro<sup>5</sup>, não a partir de si mesmo (HAN, 2020, p. 218-219).

3 Emmanuel Lévinas é um filósofo lituano que nasceu em 1906 e morreu em 1995. Foi aluno de Edmund Husserl e crítico da filosofia de Heidegger. Uma de suas obras mais conhecidas é *O Humanismo do Outro Homem*, publicada em 1972, onde expõe seu pensamento ético na perspectiva do bem do Outro (MARTINS; LEPARGNEUR, 2014, p. 11-28).

4 Byung-Chul Han é um filósofo sul-coreano. Doutorou-se em filosofia em 1994 e atua como professor em Berlim. Esse pensador denuncia o excesso de positividade imposto pelo sistema capitalista que faz os indivíduos, por si mesmos, trabalharem até o esgotamento total. Fato este que está causando um progressivo adoecimento psíquico em escala global (REGATIERI, 2019, p. 223-226). Uma de suas obras mais conhecidas é *Morte e Alteridade*, obra onde analisa a sociedade da era digital caracterizada pela sua forte negação da morte como algo natural (HAN, 2020, p. 9).

5 O termo *Outro*, com letra maiúscula, expressa o reconhecimento do valor e da dignidade de uma pessoa em si mesma, nunca como uma extensão da subjetividade de um sujeito observador (MARTINS; LEPARGNEUR, 2014, p. 6).

A orientação de proporcionar uma morte digna nos leitos de hospitais foi recentemente dificultada no contexto da pandemia de Covid-19, onde houve períodos de mortandade em massa revelando a fragilidade da existência humana, apesar do grande aparato tecnológico disponível (CREPALDI et al., 2020). Diante destes problemas, o presente artigo busca contribuir para a fundamentação filosófica do processo de morte humanizada.

## 1 “SER-NO-MUNDO” E A RESPONSABILIDADE ALTRUÍSTA

A proposta de Heidegger (2013, p. 40) de buscar o sentido do ser a partir da existência humana conduz a constatação fenomenológica de que enquanto se vive, enquanto se está no mundo concreto, um indivíduo nunca está sozinho e totalmente independente de outras pessoas que estão nesse mesmo mundo. Enquanto “ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2013, p. 172), compreende-se que a reflexão ética deve pressupor um estilo de vida responsável por si mesmo e pelos demais que compartilham a existência. A consciência ética só faz sentido dentro do contexto da boa convivência nas relações humanas.

Tratar sobre ética ou bioética, portanto, exige uma adequação do âmbito individual dentro de um estatuto coletivo de interesses. Esses interesses humanos, quando não consideram o bem da coletividade, abrem espaço para possíveis injustiças, isto é, a privação de direitos e a distribuição desigual de bens. Por essa razão, o conceito de “ser-no-mundo” alude a uma constante preocupação com os outros e a adequação dos projetos particulares ao bem coletivo. Eis a constatação de Heidegger (2013, p. 174): “Os outros não significam todo o resto dos demais além de mim, do qual o eu se isolaria”. Isso indica que o “ser-no-mundo” e o “ser-com” requer uma disposição de viver de modo altruísta. Na medida em que se toma consciência da responsabilidade de estar no mundo e das próprias ações também deve-se tomar consciência de uma responsabilidade pelos outros com quem se partilha a existência de infinitas possibilidades. A adesão de uma responsabilidade altruísta significa a rejeição consciente dos egoísmos que podem querer impor ao coletivo os interesses particulares de dominação (HEIDEGGER, 2013, p. 177).

A liberdade que possibilita ajudar, ou não, os outros em suas necessidades é um dado concreto que se determina pelo querer individual (HEIDEGGER, p. 178). Ora, a consciência de “estar-no-mundo” com outras pessoas requer uma adesão dos interesses particulares em prol de um bem coletivo onde um grupo maior de pessoas sejam beneficiadas com justiça. A satisfação de todos os possíveis desejos particulares significa uma conduta irracional e antiética, um mau uso da própria liberdade pelo fato de que esta, coerentemente, exige a responsabilidade dos próprios atos e omissões em nível particular e coletivo. Conforme Heidegger (2013, p. 180): “Enquanto ser-com, a presença ‘é’, essencialmente, em virtude dos outros.” Portanto, uma vez no mundo onde existem outros semelhantes, a procedência autêntica de “estar-no-mundo” deve suscitar um não viver só para si, mas também para a autorrealização humana em geral.

Heidegger (2013, p. 181) diz que “o ser para os outros é diferente do ser para coisas simplesmente dadas.” Entende-se que o filósofo se refere a objetificação das outras pessoas e a sua instrumentalização para obtenção de lucros. As pessoas possuem uma dignidade hierarquicamente maior porque cada uma possui uma existência aberta para um número infinito de construção de projetos e de sentidos específicos. Por essa razão, o outro ou os outros com quem se partilha a experiência de estar no mesmo mundo requer uma normatização de costumes que preservem a ordem e a segurança de todos. Nesse sentido, o agir ético heideggeriano pode ser definido como a projeção do bem coletivo como um bem para si mesmo.

Identifica-se um processo de nivelamento de interesses quando se faz presente uma ética altruísta. A isso dá-se nome de “medianidade” (HEIDEGGER, 2013, p. 184), isto é, uma conformação de interesses coletivos onde os seus membros preocupam-se com o bem uns dos outros. Em um mundo de existência compartilhada, age-se eticamente de modo impessoal, não em causa própria exclusivamente, mas dedicando-se também aos outros. No impessoal, cuida-se do todo em que também se está (HEIDEGGER, 2013, p. 185-187). Uma vez eboçado a concepção de “ser-no-mundo” e de “ser-com” torna-se mais compreensível a definição de “ser-para-a-morte”. A análise até aqui realizada absorve a principal característica de ser humano como um ser social e de que a sua conduta só pode ser considerada autenticamente ética na medida em que age de modo responsável por si e pelos seus semelhantes.

## **2 O “SER-PARA-A-MORTE”: A FINITUDE QUE DESPERTA UM VIVER AUTÊNTICO**

Heidegger (2013, p. 310) investiga fenomenologicamente se há como atribuir um sentido para a morte humana no plano existencial. Em sua análise, constata que pelo fato de o ser humano ser um ente por excelência que sempre transcende a sua experiência indeterminada, a morte de uma pessoa ultrapassa o âmbito biológico e abarca o contexto ético. Portanto, entender a morte humana apenas como a perda das funções vitais é insuficiente. É preciso e necessário considerar a morte como a finitude particular de um indivíduo que não mais tem a possibilidade de se projetar no mundo, ou seja, existir no mundo e realizar os seus anseios. A dignidade atribuída a uma pessoa no leito de morte, nesse sentido, merece atenção e cuidado para que lhe seja dado o maior conforto possível. O fato de estar morrendo não significa uma desvalorização de um paciente hospitalar.

Racionalmente não se pode experimentar a morte de uma outra pessoa. Evidentemente só é possível conviver e se relacionar com quem vive. Mesmo na possibilidade de se sacrificar por alguém, o outro não sofre a mesma experiência de quem o substitui. Quem morreu não participa mais da existência a qual os vivos estão lançados (HEIDEGGER, 2013, p. 312-313). Eis a importância que o filósofo dá para o entendimento da morte: “O morrer não é, de forma alguma, um dado, mas um fenômeno a ser compreendido existencialmente num sentido privilegiado” (HEIDEGGER, 2013, p. 314). E ainda: “A morte é um modo de ser que a presença assume no momento em que é.” (HEIDEGGER, 2013, p. 320). A compreensão dessas afirmações justifica que a reflexão sobre a finitude humana é um tema muito importante pelo fato de despertar a consciência ética altruísta.

Enquanto se vive, torna-se necessário estabelecer metas para autorealização onde os demais não sejam prejudicados. Enquanto se morre, deixa-se a existência e o fim de todos os projetos idealizados. A consciência de que se está vivo e aberto às mais infinitas possibilidades de se projetar no mundo requer uma consideração altruísta de viver também em prol do cuidado das pessoas que estão ao redor, nesta perspectiva não se pode considerar lícito a indiferença perante aqueles que estão na fase da terminalidade da vida. Sempre será moralmente inquirido uma atitude de cuidado e de condição necessária para uma boa morte. A compreensão da si mesmo como finito leva a consideração de proporcionar um término digno para os demais também.

“É na disposição da angústia que o estar-lançado na morte se desvela para a presença de modo mais originário e penetrante. A angústia com a morte é angústia ‘com’ o poder ser mais próprio irremissível e insuperável.” (HEIDEGGER, 2013, p. 326). Com essas palavras o filósofo observa que entre os viventes há uma constante insatisfação e indecisão em relação ao futuro. Esse sentimento inquietante é denominado angustia.

.....

A angústia nesta linha de raciocínio significa uma condição existencial importante para a consolidação de uma ética altruísta. Isso porque na medida em que cada indivíduo percebe a sua finitude, em relação aos outros toma-se consciência de que buscar a satisfação somente dos interesses particulares torna a experiência de vida muito banal e inautêntica. Por outro lado, conviver com outras pessoas e se responsabilizar pelo bem alheio enobrece a existência. Em outras palavras pode-se dizer que refletir sobre a realidade da morte é um ato de coragem e de autoesclarecimento. Ignorar a finitude da vida significa cobrir os próprios olhos para não ver como é e o quanto é vulnerável.

A vida inautêntica significa escolher viver unicamente em função de si mesmo. Eis as palavras do próprio filósofo: “Decadente, o ser-para-a-morte cotidiano é uma constante *fuga dele mesmo*. O ser-para-o-fim possui o modo de um escape dele mesmo, que desvirtua, vela e compreende impropriamente.” (HEIDEGGER, 2013, p. 330). E ainda: “enquanto possibilidade irremessível, a morte singulariza somente a fim de tornar a presença, enquanto possibilidade insuperável, compreensiva para o poder-ser dos outros, na condição de ser-com.” (HEIDEGGER, 2013, p. 341).

O entendimento do conceito de “ser-com” apresenta-se como um dado que dá significado para a existência particular a ponto de não fazer sentido uma vida só para si mesmo, mas, sim, na medida em que se convive com outras pessoas e se compartilha as mesmas angústias e possíveis esperanças. Compreender a finitude humana, a morte como algo certo, deve despertar a consciência para uma vida altruísta. Referente à questão do cuidado com os pacientes em fim de vida, avalia-se que a ética heideggeriana contribui para o entendimento da legitimidade da bioética dos cuidados com os pacientes hospitalares que estão em processo da morte. Conforme o entendimento de que a morte humana transcende o aspecto biológico de término das funções vitais dos órgãos, cada paciente possui dignidade e o seu valor que torna moralmente o cuidado com o processo de morte um compromisso bioético.

## 2.1 EPIFANIA DO OUTRO E O COMPROMISSO ÉTICO DO CUIDADO

Conforme a interpretação de Han (2020, p. 205) tanto Heidegger como o filósofo Lévinas compreendem a finitude humana como um fundamento ético de responsabilidade pelos semelhantes. Lévinas (HAN, 2020, p. 218-219), por sua vez, critica a concepção de finitude descrita por Heidegger como uma exagerada insistência de cuidado com o outro a partir de si mesmo, o que na verdade dificulta a compreensão do outro como Outro. Superando a centralização em si mesmo, Lévinas propõe uma ética fundamentada no exercício gratuito de responsabilidade a partir do bem dos outros, ou seja, agir bem sem exigir qualquer forma de contribuição (HAN, 2020, p. 249-250).

A morte do Outro para Lévinas (HAN, 2020, p. 251-252) já é uma experiência da morte pessoal. Esse evento desnuda a infinitude de significado que o rosto das pessoas possui, isto é, o seu valor de dignidade junto com as suas vulnerabilidades. A morte do outro é a porta de conscientização ética de responsabilidade indelegável. Sendo assim, a vida individual ganha um nobre sentido na medida que se faz responsável pela morte dos outros (HAN, 2020, p. 265).

Lévinas tem a ousadia de afirmar que a história da filosofia se caracteriza por um constante desinteresse pelo outro que se apresenta e na imersão em si mesmo (1993, p. 50). No capítulo 6 do livro *Humanismo do outro homem*, Lévinas expõe o seu conceito de responsabilidade pelos outros com a seguinte tese: a “superação de si [...] requer a epifania do Outro” (1993, p. 53). Com isso, evidencia que a sua perspectiva ética se fundamenta no

cuidado com os outros de modo desinteressado, sem exigir ou pressupor uma recompensa pessoal por ter auxiliado, defendido ou sanado a enfermidade de outra pessoa.

As relações éticas, portanto, precisam ser pensadas e avaliadas sob a ótica altruísta do cuidado para com as necessidades daqueles que sofrem algum tipo de carência. Trata-se de uma filosofia de vida dedicada ao bem-estar que procura agir bem independente do que os outros fazem ou deixam de fazer em relação a si mesmo. A expressão “epifania do Outro” tem o objetivo de dizer que o agir ético levinasiano não é contratualista no sentido de fazer o bem para ser tratado bem, praticar a caridade para receber caridade.

Em Lévinas (1993), o agir ético é descoberto, fenomenologicamente, pela disposição pessoal de servir os outros na medida em que eles se apresentam com as suas necessidades. A concretude desse estilo ético se configura no tempo e no espaço, na cultura e no decorrer do cotidiano. Conforme o objetivo deste artigo o cuidado com a terminalidade da vida nunca se justificará na lógica do dar para receber ou no cuidar para ser cuidado. Esse cuidado se realizará eticamente dentro de uma perspectiva desinteressada de qualquer benefício pessoal, isto é, recusando toda possibilidade do egoísmo totalitário. A relação ética, tal como Lévinas propõe, se desenvolve no contato humilde que reconhece no Outro a sua manifestação de dignidade e de autonomia.

“A relação com o outro questiona-me, esvazia-me de mim mesmo e não cessa de esvaziar-me, descobrindo-me possibilidades sempre novas” (LÉVINAS, 1993, p. 56). Essa afirmação mostra que o relacionamento com as pessoas impulsiona a superação de si mesmo para doar-se aos outros. Isso indica que a ética consiste em abdicar-se dos projetos egoístas para dedicar-se aos outros, em conjunto. Ora, o tema da ética, bem como o seu exercício é dinâmico. De modo algum o exercício ético será absoluto e imutável, pois a existência humana por si mesma sempre se apresentará irreduzível a uma normatização aplicada para todos os tempos e lugares. É um compromisso que sempre se atualizará com novidades, e, por isso, a presença de uma pessoa, a manifestação do seu rosto, nunca acaba de se expressar e de ganhar novos significados, e, conseqüentemente, múltiplas possibilidades de existir no mundo (LÉVINAS, 1993, p. 56-57).

Lévinas constrói um sistema ético que define a responsabilidade das ações a partir do entendimento que o rosto dos outros manifesta uma dimensão de sentido infinito. Eis as palavras do autor: “o fenômeno que é a aparição do Outro, é também rosto; ou ainda [...] a epifania do rosto é visitação” (1993, p. 58). Usando termos técnicos da fenomenologia husseliana, desenvolve-se uma nova ética com o intuito de superar a tendência totalitária de reduzir tudo e todos sob o jugo dos desejos pessoais. Quando o filósofo fala em epifania do rosto, expressa com isso, que o rosto de uma pessoa é uma manifestação viva de algo muito importante e valioso que escapa a toda tentativa de formalização comum aos demais entes, os objetos.

A partir da leitura de Heidegger e de Lévinas que desenvolvem a reflexão ética concentrados no dado concreto da morte humana, o filósofo Han (2021, p. 152) critica o excesso de positividade da sociedade contemporânea pelo fato de tornar as pessoas em objetos de consumo. A era da tecnologia digital modificou as relações humanas para um tipo de comportamento imediato e indiferente a tudo que não traz lucratividade. Por essa razão a expectativa dos desejos se torna cada vez mais frustrante e resulta em transtornos psíquicos como o da depressão (HAN, 2021, p. 155). Com isso percebe-se um progressivo distanciamento da responsabilidade de cuidado com os outros em suas necessidades e um doentio aprofundamento em si mesmo, com pouco ou sem nenhum sentido existencial (HAN, 2021 p. 154).

Na mesma perspectiva de Heidegger, porém sendo mais atual, Han (2021, p. 152)

.....

diz que é preciso repensar as bases de uma ética altruísta para que a sociedade da tecnologia digital reconheça o valor do outro como outro, da responsabilidade de cada indivíduo pela vida dos demais. Han (2021, p. 149) chama a atenção para o atual fenômeno de autoexploração que o capitalismo instalou no mundo. Trata-se de uma constante busca de resultados lucrativos por parte do próprio indivíduo. Esse estilo de vida orientado à produção rápida e ininterrupta corrói os laços sociais e compromete cada vez mais a saúde das pessoas.

### 3 A TERMINALIDADE DA VIDA EM TEMPOS DE COVID-19

O contexto atual da pandemia de Covid-19 requer uma oportuna reflexão filosófica e bioética sobre o tema da terminalidade da vida. Para fundamentar historicamente estas linhas torna-se necessário especificar que o vírus de Covid-19 foi detectado em dezembro de 2019, na China, e foi decretada como pandemia no dia 11 de março de 2020, pela OMS. Em geral, o vírus leva 20% dos infectados para um alto risco de vida (CREPALDI et al., 2020).

Uma vez que o ser humano é um “ser-no-mundo”, um “ser-com” e um “ser-para-a-morte”, entende-se que um projeto de vida autêntico consiste em viver de modo responsável por si mesmo e também pelos demais com quem se compartilha existência. Esse raciocínio de Heidegger (2013, p. 307) mostra-se muito oportuno para fundamentar a solidariedade em tempos de crise pandêmica. Se por ventura se percebe a negação da morte como uma realidade e a responsabilidade perante as pessoas enfermas, tal constatação evidencia uma irresponsabilidade social e uma existência inautêntica, sem sentido.

Para evitar o contágio do vírus de Covid-19 e o grande número de pacientes nos hospitais, exigiu-se o distanciamento social. Isso aumentou o estresse e a ansiedade das pessoas em geral. O desconforto afetou ainda mais os pacientes dos hospitais e também dos profissionais da saúde. Com efeito, uma das características mais perceptíveis de uma pandemia é o fenômeno de rápida mortandade em massa como veio a ocorrer com o Covid-19 (CREPALDI et al., 2020). Isso fez com que muitas famílias não pudessem realizar os ritos tradicionais de despedida dos seus entes queridos.

Esse impedimento de aproximação social contribuiu negativamente para o adoecimento psicológico em nível mundial que precisa ser tratado por profissionais competentes. Em meio a essa crise pandêmica, alguns profissionais da saúde utilizaram tablets e celulares para intermediar a comunicação dos pacientes, em estado grave de internação, com os seus familiares (SHARPE, 2020). Constata-se, portanto, que há coisas positivas realizadas na era da tecnologia digital. Isto evidencia a necessidade de uma ética que oriente o correto uso da técnica para o bem-estar dos pacientes em casos graves de internação.

Conforme Silva et al (2020), o contexto da pandemia de Covid-19 trouxe à tona a dificuldade que se tem para falar sobre a realidade da morte. Culturalmente, o assunto da morte não é agradável e ao mesmo tempo ambigualmente compreendido. Por essa razão, constata-se a importância da compreensão de morte como algo natural e integrante da vida. Reconhece-se a contribuição teórica e prática dos Cuidados Paliativos que humanizam o processo da morte contemporânea que ocorre normalmente nos hospitais e atrelado a um aparato tecnológico que nem sempre proporciona o bem-estar dos pacientes. Eis um recorte que expressa a dificuldade conceitual sobre a morte:

A morte é um fenômeno que suscita angústia, medo e exacerbação da ansiedade. Embora seja parte da vida, ela ainda é um tabu, haja visto não sermos educados acerca do como melhor lidar com a morte. As crenças sobre a morte sofrem influências do meio social, cultural e de pensamentos filosóficos que, conscientemente ou não, moldam nossas condutas. Em situações difíceis, os

profissionais da saúde se deparam com o sofrimento físico, emocional, social e espiritual diante da morte do outro, o que remete ao reflexo da sua própria morte (SILVA et al., 2020, p 4).

Verifica-se a falta de formação adequada sobre a realidade da morte nos cursos de enfermagem e de medicina. Tanto em termos de espiritualidade como na área científica de saúde, o conceito de morte precisa ser melhor pesquisado e divulgado nos meios de publicação científica. Aproximando a literatura científica da filosofia heideggeriana e levinasiana pode-se afirmar que a dificuldade em tratar sobre o processo de morte e prestar assistência aos pacientes terminais requer uma realista compreensão da própria finitude. Viver de forma autêntica e prestar um cuidado humanizado no processo de terminalidade requer a compreensão de que a vida pelo fato de ser finita precisa ser vivida serenamente. Na medida em que se está em um mundo com outros semelhantes, a consciência ética desperta a responsabilidade de cuidado de si e também do outro com quem se partilha a existência.

Conforme Potter (2018, p. 192), é preciso admitir que na vida existem alguns sofrimentos inevitáveis. Entretanto, em relação ao processo de morte, observa que ninguém deve experimentar sofrimentos desnecessários causados por negligência médica ou prolongamento superficial da vida a qualquer custo. É justamente nesse sentido que se entende a concepção de morte humanizada, atualmente proposta e teorizada pela filosofia dos Cuidados Paliativos (FLORIANI, 2021). A literatura científica apresenta alguns conceitos referentes ao processo de morte como eutanásia, distanásia, ortotanásia e mistanásia. A eutanásia é o procedimento médico que abrevia a morte do paciente. Essa conduta não é legalizada em todos os países (FLORIANI, 2021; SILVA et al., 2016).

A distanásia, por sua vez, consiste em prolongar a vida do paciente, apesar dos possíveis sofrimentos. Este é o procedimento mais realizado no mundo por causa dos modernos aparelhos hospitalares que suprem as funções dos órgãos comprometidos. Ortotanásia é o acompanhamento da morte natural, porém administrando o alívio da dor. Busca ser um meio termo entre a possibilidade de abreviar ou de prolongar a vida de um paciente levando em consideração o que lhe proporciona o bem-estar. Existe ainda a mistanásia definida como um tipo de processo de morte social causada pela má administração pública dos recursos de saúde. Esses conceitos são discutidos com frequência na disciplina de bioética e de Cuidados Paliativos em vista de um tipo de cuidado integral que considera a subjetividade dos pacientes no processo terapêutico de tal modo que nos momentos críticos de tomadas de decisão sejam respeitadas a vontade do paciente e a dos seus familiares (FLORIANI, 2021; PESSINI, 2001, p. 29-34).

Conforme Pessini (2001, p. 181), a prática da distanásia é a mais frequente no contexto terapêutico de fim de vida. Entretanto, não recebe a devida atenção em relação a eutanásia que ocorre relativamente poucas vezes. O motivo dedutível atribui-se para a falta de consenso conceitual que diferencia o extremo de abreviar ou de prolongar a vida humana. Referindo-se especificamente ao problema da distanásia, identificam-se duas causas principais para o seu exercício tão em voga: por causa do grande avanço tecnológico da medicina das últimas décadas e ao mesmo tempo pelo interesse comercial de lucro (PESSINI, 2001, p. 186-188).

Dentro da perspectiva tecnológica e comercial, o processo de morte deixou de ocorrer na casa dos pacientes entre os seus familiares para ser feito a partir de então nos hospitais, muitas vezes na solidão. O processo de morte perde em grande parte os tradicionais ritos de despedida e passa a ser prorrogada pelo poder tecnológico. De modo mais específico, o processo de morte se prolonga na medida em que os familiares conseguem custear os cuidados disponíveis pelo mercado hospitalar. Ora, tudo isso acaba tornando o processo de morte desumanizado pelo fato de a atenção não estar no bem-estar do paciente. Seguindo o

.....

raciocínio de Han (2021, p. 152), pode-se dizer que a distanásia bem como todo procedimento terapêutico de fim de vida exercido unicamente em prol de lucratividade é um trabalho antiético e desumanizado.

Como medida de prevenção à distanásia, Pessini (2001, p. 189-192) observa com bons olhos o modelo de cuidado em fim de vida da benignidade e o do biopsicossocial. Nesta perspectiva, valoriza-se o aparato tecnológico, mas ao mesmo tempo pondera a administração dos fármacos e os demais procedimentos considerando o bem-estar dos pacientes. A ortotanásia, nesse sentido, aparece como opção mais sóbria ao considerar a morte natural no momento certo, administrando a dor. Mostra-se que o paciente em fim de vida possui um valor de dignidade que transcende o âmbito biológico e o compreende como um ser histórico, espiritual e social. O cuidado humanizado em fim de vida, portanto, consiste em incluir a subjetividade do paciente no seu processo terapêutico de modo personalizado.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo realizou o objetivo de apresentar uma reflexão bioética sobre o tema da morte, em tempos de Covid-19, a partir do conceito de “ser-para-a-morte” do filósofo Heidegger. A leitura desse filósofo ajudou a compreender que o morrer humano transcende o âmbito biológico da perda das funções vitais e que por essa razão é um tema de grande importância filosófica e útil para a conscientização bioética de responsabilidade por todos os semelhantes, mesmo em processo de morte. A morte particular e a morte de outra pessoa suscitam o valor de uma vida autêntica em contraponto à vida inautêntica que ignora a vulnerabilidade dos outros e se preocupa só com os próprios desejos.

Aproveitando a mesma certeza da morte como um dado concreto de reflexão ética transcendental, viu-se que Lévinas propõe a superação da subjetividade totalizante ao propor o cuidado das vulnerabilidades do Outro de modo despretensioso e na perspectiva do bem daquele que se apresenta. A epifania do rosto do Outro de veras alude para a consciência de responsabilidade a qual não se pode abster-se.

A perspectiva ética do “ser-para-a-morte” contribui para enriquecer a reflexão bioética sobre a terminalidade da vida. Heidegger, Lévinas e Han indicam a dimensão transcendental do ser humano e da sua intrínseca dignidade tendo como dado concreto a finitude humana. Todo cuidado e atenção às vulnerabilidades dos pacientes que já não têm mais possibilidade de cura são entendidos como atitudes éticas.

Verificou-se a falta de pesquisas mais aprofundadas sobre o assunto da morte. Consequentemente, percebeu-se a razão da falta de formação sobre a função dos Cuidados Paliativos, bem como a distinção conceitual de eutanásia, distanásia e ortotanásia. A própria definição de morte necessita ser melhor desenvolvida teoricamente na perspectiva de algo natural e integrante da vida.

O filósofo Han, como crítico da era digital, chama atenção para o fenômeno progressivo da desumanização social que abarca o atendimento de saúde. A morte é um dado concreto do qual nenhuma pessoa pode prorrogar para sempre. Tendo isso em mente, há de se repensar novas orientações éticas para o cuidado com os pacientes em fim de vida. A tecnologia digital é uma ferramenta que tanto pode proporcionar a beneficência como a maleficência, dependendo do modo como se usam os aparelhos tecnológicos. Em relação ao processo de morte, deve-se privilegiar a morte natural, amenizando as dores e os sofrimentos dos pacientes. Não se deve abreviar nem prolongar a vida de uma pessoa pelo fato de haver tecnologia para isso, muito menos para obter lucros em tal circunstância.

A tese de que a compreensão da própria finitude humana serve como um importante

fundamento da consciência ética revela-se verdadeira e útil em tempos de crise pandêmica como a de Covid-19. Entende-se que uma vida autêntica neste contexto significa uma disposição solidária para o cuidado mútuo e de modo especial com os pacientes que estão na fase da terminalidade da vida. Por outro lado, define-se como vida inautêntica a indiferença ou a negação de auxílio justo às pessoas acometidas por essa enfermidade.

## REFERÊNCIAS

CREPALDI, M. A. et al. 2020. Terminalidade, Morte e Luto na Pandemia de Covid-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estudos de Psicologia**, 37, e200090. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LRmfcnxMXwrbCtWSxJKwBkm/?lang=pt>. Acesso em: 01/03/22.

FLORIANI, C. A. 2021. Considerações bioéticas sobre os modelos de assistência no fim da vida. **ENSAIO**. Cad. Saúde Pública, 37 (9). Disponível em: [https://pesquisa.bvsalud.org/portal/?lang=pt&home\\_url=http%3A%2F%2Ffilacs.bvsalud.org&home\\_text=Pesquisa&q=ortotan%C3%A1sia+e+bio%C3%A9tica&submit](https://pesquisa.bvsalud.org/portal/?lang=pt&home_url=http%3A%2F%2Ffilacs.bvsalud.org&home_text=Pesquisa&q=ortotan%C3%A1sia+e+bio%C3%A9tica&submit). Acesso em: 14/11/21.

HAN, Byung-Chul. **Morte e Alteridade**. Petrópolis: Vozes, 2020.

\_\_\_\_\_. **Capitalismo e impulso de morte: ensaios e entrevistas**. Petrópolis: Vozes, 2021.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2013.

LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

MARTINS, Rogério Jolins; LEPARGNEUR, Hubert. **Introdução a Lévinas: pensar a ética no século XXI**. São Paulo: Paulus, 2014.

PESSINI, Leo. **Distanásia: até quando prolongar a vida**. São Paulo: Loyola, 2001.

PESSINI, Leo. 2016. **Vida e morte na UTI: a ética no fio da navalha**. Revista Bioética. (Impr.). 24(1): 54-63, jan.-abr. Disponível em: [https://pesquisa.bvsalud.org/portal/?lang=pt&home\\_url=http%3A%2F%2Ffilacs.bvsalud.org&home\\_text=Pesquisa&q=ortotan%C3%A1sia+e+bio%C3%A9tica&submit](https://pesquisa.bvsalud.org/portal/?lang=pt&home_url=http%3A%2F%2Ffilacs.bvsalud.org&home_text=Pesquisa&q=ortotan%C3%A1sia+e+bio%C3%A9tica&submit). Acesso em: 14/11/21.

POTTER, Van Renselaer. **Bioética Global: construindo a partir do legado de Leopold**. São Paulo: Loyola, 2018.

REALE, G. e ANTISERI, D. **História da Filosofia**. Vol. III, São Paulo: Paulinas, 1991.

REGATIERI, Ricardo Pagliuso. HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015, 136 p. (resenha). Trans/Form/Ação, Marília, v. 42, n. 4, p. 223-226, Out./Dez., 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/wvxT6BYqzrbntvX7MmBNvyc/?lang=pt>. Acesso em: 12/04/2022.

SILVA, M. C. Q. S. et al. 2020. O processo morrer e morte de pacientes com Covid-19: uma reflexão à luz da espiritualidade. **Cogitare enferm.** [Internet]. Disponível em:

.....

<http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.73571>. Disponível em: [https://pesquisa.bvsalud.org/portal/?u\\_filter%5B%5D=fulltext&u\\_filter%5B%5D=db&u\\_filter%5B%5D=mj\\_cluster&u\\_filter%5B%5D=type\\_of\\_study&u\\_filter%5B%5D=la&fb=&lang=pt&home\\_url=http%3A%2F%2Flilacs.bvsalud.org&home\\_text=Pesquisa&q=terminalidade+d+a+vida+e+covid-19&where=&filter%5Bla%5D%5B%5D=pt&years=on&range\\_year\\_start=2017&range\\_year\\_end=2022](https://pesquisa.bvsalud.org/portal/?u_filter%5B%5D=fulltext&u_filter%5B%5D=db&u_filter%5B%5D=mj_cluster&u_filter%5B%5D=type_of_study&u_filter%5B%5D=la&fb=&lang=pt&home_url=http%3A%2F%2Flilacs.bvsalud.org&home_text=Pesquisa&q=terminalidade+d+a+vida+e+covid-19&where=&filter%5Bla%5D%5B%5D=pt&years=on&range_year_start=2017&range_year_end=2022). Acesso em 14/01/22.

SILVA, R. S. et al. 2016. Percepção de enfermeiras intensivistas de hospital regional sobre distanásia, eutanásia e ortotanásia. **Revista Bioética**. Dez. Volume 24 N° 3 Páginas 579 – 589. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/QBMbKWk6rxKYLXbYb4DwWvh/?lang=pt>. Acesso em: 08/11/21.

SHARPE, T. S. 2020. Você não vai morrer sozinho: tecnologia e compaixão na pandemia Covid-19. **Enfermagem Foco**, 11 (Esp. 2): 52-54. Disponível em: [https://pesquisa.bvsalud.org/portal/?u\\_filter%5B%5D=fulltext&u\\_filter%5B%5D=db&u\\_filter%5B%5D=mj\\_cluster&u\\_filter%5B%5D=type\\_of\\_study&u\\_filter%5B%5D=la&fb=&lang=pt&home\\_url=http%3A%2F%2Flilacs.bvsalud.org&home\\_text=Pesquisa&q=terminalidade+d+a+vida+e+covid-19&where=&filter%5Bla%5D%5B%5D=pt&years=on&range\\_year\\_start=2017&range\\_year\\_end=2022](https://pesquisa.bvsalud.org/portal/?u_filter%5B%5D=fulltext&u_filter%5B%5D=db&u_filter%5B%5D=mj_cluster&u_filter%5B%5D=type_of_study&u_filter%5B%5D=la&fb=&lang=pt&home_url=http%3A%2F%2Flilacs.bvsalud.org&home_text=Pesquisa&q=terminalidade+d+a+vida+e+covid-19&where=&filter%5Bla%5D%5B%5D=pt&years=on&range_year_start=2017&range_year_end=2022). Acesso em 14/01/22.

